

2022.2 . Ano XXXIX . Número 44

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*(separata 2)*

DOSSIÊ

XIX Jornada do PPGLC-UFRJ



2022.2 . Ano XXXIX . Número 44

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*(separata 2)*

DOSSIÊ

XIX Jornada do PPGLC-UFRJ

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES  
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk  
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota  
Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira  
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO  
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UNB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrie (EHES)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martín Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA  
Cratera de figuras vermelhas, provavelmente de proveniência ática do séc. v a.C. Acervo: Ashmolean Museum Oxford. Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACAO  
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISOR DO NÚMERO 44  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@letras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@letras.ufrj.br)

# A influência do grego no copta: análise investigativa do helenismo presente em textos jurídicos de Tebas, no Egito, dos séc. IV a VIII d.C.

Vinícius Chichurra | Rainer Guggenberger

## RESUMO

Se tomarmos a imensidão do rio Nilo como comparativo, a língua egípcia deixou-nos uma extensa influência de grandeza imensurável. Um de seus afluentes, também sua última fase linguística, é o copta. O presente artigo tem por objetivo fornecer uma amostra de natureza introdutiva e informativa acerca da língua copta, que teve seu afloramento por volta do séc. III d.C. O copta, decorrente da influência helênica, traço inerente ao reino Ptolomaico, e seu estudo mostram como se deu a assimilação do alfabeto grego e a introdução do vocabulário helênico no Egito.

## PALAVRAS-CHAVE

Copta; Língua egípcia; Egito; Grego.

SUBMISSÃO 10.7.2022 | APROVAÇÃO 16.3.2023 | PUBLICAÇÃO 4.4.2023

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i44.53400>

## INTRODUÇÃO

# U

m dos ancestrais que contribuiu para o desenvolvimento significativo do homem, e talvez um dos mais prestigiados, é o povo que ocupou as terras do antigo Egito: os egípcios. Sua influência clássica no mundo moderno é tão extensa que a percebemos, mesmo após milênios, em nosso cotidiano.<sup>1</sup> A língua copta, objeto deste artigo, é parte importante dessa tradição cultural egípcia.

A língua copta, tornando-se a língua da população que vivia ao norte do vale do rio Nilo na antiguidade a partir do séc. III d.C., apresenta como cerne linguístico a língua egípcia e é conhecida por ser seu último estágio evolutivo. O termo “copta” possui a mesma origem linguística do termo “egípcio”, porém advindo de outra influência, a helênica – característica de seu desenvolvimento; “copta” origina-se do termo árabe *qubṭ*, que, por sua vez, é derivado do grego αἰγύπτιος (*aigýptios*), helenização do termo usado pelos próprios egípcios para descrever seu país: *hut-ka-ptah* (Casa do Espírito de Ptah).

As fases da língua e das escritas egípcias, por muitos séculos, coexistiram, sendo, portanto, muito difícil sua divisão numa linha temporal. O período diacrônico da língua egípcia ainda é alvo de grandes discussões entre os egiptólogos e tende a mudar de acordo com cada linguista, desse modo, as informações temporais aqui expostas seguem a divisão proposta por Loprieno.<sup>2</sup> Nesse caso, em linhas gerais, a partir dos famosos hieróglifos e da escrita hierática (uma forma mais simplificada dos hieróglifos) que ocorreram do séc. XXVII a.C. ao séc. XIV a.C., a língua se desenvolveu para o egípcio demótico, a “escrita do dia-a-dia”, cujo apogeu iniciou-se no séc. VIII a.C., e obtinha representações ainda mais abstratas em relação aos hieróglifos. Por fim, sob influência helênica, surge o copta, que consiste numa adaptação do alfabeto grego às necessidades da língua egípcia, com o acréscimo de poucas letras representando fonemas não existentes na língua grega. Essa língua copta teve seu afloramento por volta do séc. III d.C., e, apesar de

ser uma língua quase extinta, há a tentativa do avivamento do copta até os dias atuais, principalmente pela Igreja Ortodoxa Copta através da literatura litúrgica. Kammerzell (2000), assim como Loprieno (1997), apresenta com detalhes os períodos da língua egípcia citados:

Pré-egípcio-antigo		XXXII – XXVII a.C.
Egípcio antigo	Egípcio antigo	XXVII – XXI, VII a.C.
	Médio egípcio	XXIII – IV a.C.
Egípcio tardio	Egípcio tardio	XIV – VI a.C.
	Demótico	VIII – V a.C.
	Copta	III – XX d.c.

Tabela 1 – Períodos da língua egípcia

A implementação de elementos linguísticos gregos na cultura egípcia deve-se à conquista territorial realizada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C. Numerosos gregos viviam no Egito, e muitos egípcios conheciam a língua grega e a cultura helênica e assim, conseqüentemente, expressões gregas facilmente foram incorporadas ao idioma egípcio.<sup>3</sup> A divulgação do copta como língua consolidada do território egípcio coincide com a difusão sistemática do cristianismo, porém não é considerada uma língua criada necessariamente com esse intuito, pois inclui “todas as tentativas de transcrição sistemática do egípcio para o grego. Nesse caso, sua história é muito mais antiga que a metade do séc. III”.<sup>4</sup>

#### O COPTA

Como já exposto, etimologicamente, as palavras “*copta*” e “*egípcio*” apresentam a mesma origem, ambas são resultados da aglutinação das palavras *Ka* (espírito) e *Ptah* (famoso deus do antigo Egito).<sup>5</sup> Contudo, na palavra *egípcio*, ainda temos o prefixo *e* (casa), e foi a forma que mais sofreu alterações fonéticas através do tempo, e, por isso, não é de fácil percepção de que se tratam da

mesma palavra.<sup>6</sup> Ambas, portanto, significam “[A casa do] Espírito de Ptah”.

O desenvolvimento do alfabeto da língua egípcia permitiu que houvesse uma grande disseminação de sua escrita em diversos outros alfabetos, é o que vemos nesse esquema proposto por Makar:<sup>7</sup>

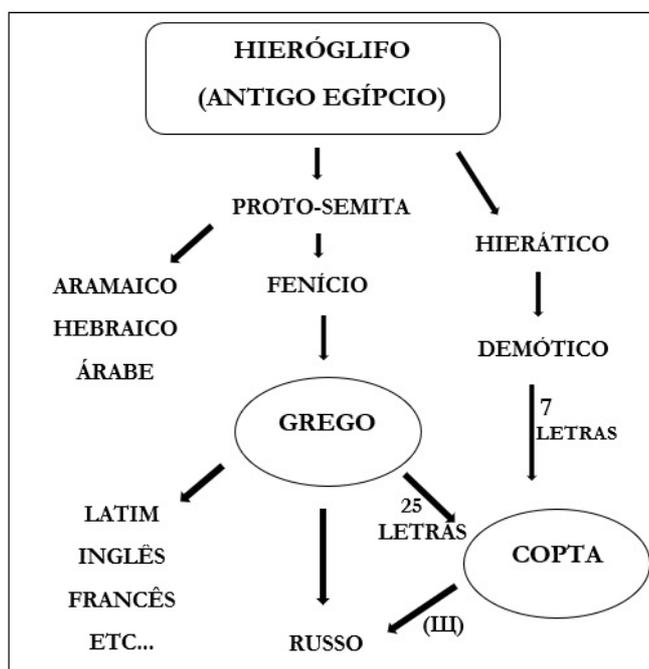


Figura 1 – Fluxograma Linguístico do Antigo Egípcio<sup>8</sup>

A influência helênica, imposta por Alexandre, o Grande, refletiu em uma adaptação das 25 letras do alfabeto grego e a adição de seis ou sete letras<sup>9</sup> derivadas da estilização de fonemas do demótico que não faziam parte do quadro fonológico grego, além de um caractere com valor silábico.<sup>10</sup> A seguir, é apresentado o alfabeto copta em comparação ao grego:

COPTA			GREGO		
Letra	Maiúsculo	Minúsculo	Letra	Maiúsculo	Minúsculo
Alfa	Ⲁ	ⲁ	Alfa	Α	α
Beta	Ⲃ	ⲃ	Beta	Β	β
Gamma	Ⲅ	ⲅ	Gamma	Γ	γ
Delta	Ⲇ	ⲇ	Delta	Δ	δ
Ei	Ⲉ	ⲉ	Épsilon	Ε	ε
Zeta	Ⲋ	ⲋ	Zeta	Ζ	ζ
Eta	Ⲍ	ⲍ	Eta	Η	η
Theta	Ⲏ	ⲏ	Theta	Θ	θ
Iota	Ⲑ	ⲑ	Iota	Ι	ι
Kappa	Ⲓ	ⲓ	Kappa	Κ	κ
Lambda	Ⲕ	ⲕ	Lambda	Λ	λ
Mei	Ⲗ	ⲗ	My	Μ	μ
Nei	Ⲙ	ⲙ	Ny	Ν	ν
Ksi	Ⲛ	ⲛ	Ksi	Ξ	ξ
O	Ⲝ	ⲝ	Ómicron	Ο	ο
Pi	Ⲟ	ⲟ	Pi	Π	π
Rhó	Ⲡ	ⲡ	Rhó	Ρ	ρ
Sema	Ⲣ	ⲣ	Sigma	Σ	σ, ς
Tau	Ⲥ	ⲥ	Tau	Τ	τ
Epsilon	Ⲧ	ⲧ	Ýpsilon	Υ	υ
Phei	Ⲩ	ⲩ	Phi	Φ	φ
Khei	Ⲫ	ⲫ	Khi	Χ	χ
Epsi	Ⲭ	ⲭ	Psi	Ψ	ψ
Ou	Ⲯ	ⲯ	Ómega	Ω	ω

Tabela 2 – Alfabeto copta-grego <sup>11</sup>

Parte das letras coptas sofre modificações no estilo da escrita em relação ao grego, porém, apresentam os mesmos fonemas. Além disso, a nomenclatura das letras coptas sofre alterações. As letras adicionais, derivadas do egípcio devido a seu fonema estranho à língua grega, são mostradas a seguir, bem como sua origem através da evolução da escrita através do tempo:

Letra	Escrituras antigas			Copta	
	Hieróglifo	Hierático	Demótico	Maiúsculo	Minúsculo
SHAI				ϣ	ϣ
FAI				ϥ	ϥ
KHAI				ⲕ (ϥ)	ⲕ (ϥ)
HORI				Ϩ	Ϩ
DJANDJA				ϫ	ϫ
THEMA				Ϭ	Ϭ
TI				ϩ	ϩ

Tabela 3 – Letras adicionais e suas evoluções<sup>12</sup>

#### LITERATURA COPTA

A literatura copta compreende, em sua grande maioria, textos cristãos que datam a partir do séc. II d.C. Além desses, há também escritos coptas antigos que antecedem a era cristã. De acordo com Gee,<sup>13</sup> a primeira tentativa de escrita copta de que se tem conhecimento foi realizada na cidade de Abidos, a 11 km a oeste do rio Nilo, pelo rei Haronnophris, em 205 a.C. Além disso, e mais antigo ainda, temos Heródoto que transcrevia para o grego o nome dos egípcios citados em suas obras.

Traduções de obras gregas para o copta foram realizadas. Quanto à literatura copta, há textos gnósticos como códices, por exemplo, o códex de Askew, de Bruce e de Berlim, além de mais treze códices nomeados Nag Hammadi. Alguns desses textos gnósticos provêm de traduções realizadas por missionários

maniqueístas que começaram a se estabelecer no Egito a partir de 350 d.C.

Além dos citados, encontramos os textos que são objeto deste artigo. Trata-se de textos de caráter jurídico encontrados na região de Tebas, no Egito. São textos que compreendem os séc. IV-VIII d.C. cujo tema consiste em permissões de viagens, vendas e comércio intermunicipal da região tebana, entre outros assuntos.

Após a invasão árabe, no séc. IX d.C, a literatura copta sofreu, e sofre, uma opressão muçulmana. Textos em língua copta não eram mais reconhecidos e tampouco aceitos legalmente, e tal efeito causou uma estagnação no *status* da literatura copta.

#### DOCUMENTOS JURÍDICOS

Como já mencionado, a atual pesquisa tem como *corpus* a reunião de documentos de caráter jurídico encontrados em Tebas, no Egito. Tais documentos abrangem um período de tempo vasto – IV d.C. a VIII d.C. –, mas sua quantidade é de apenas dez, devido ao armazenamento precário da região onde se encontrava. Os temas dos documentos analisados são variados e incluem: liberação de serviços, escrituras de vendas, acordo, petição, quitação, recibo, reconhecimento de dívida e soltura.

Para a apresentação, foi escolhido um trecho de um documento de liberação de serviços: documento endereçado por um homem de nome Moisés, morador do vilarejo Pshensiōn, situado no distrito de Coptos<sup>14</sup> que se tornou monge por temer a praga que assolava as terras de sua região. Entregou ao mosteiro a quantidade de vinte *holokottinos*,<sup>15</sup> e, quando seu filho Theodoros juntou-se a ele, sete *holokottinos* foram-lhe devolvidas. Concorda, por fim, que as outras treze moedas devem ser usadas para fins de caridade e que o mosteiro está livre de qualquer obrigação, ou seja, liberado, no que diz respeito à soma total.

O documento recebe o nome técnico de ἀμεριμνία (*amerimnía*),<sup>16</sup> “livre de cuidados”, “livre de serviços”, “dispensa”, e, segundo Mitteis,<sup>17</sup> o uso desse termo começa a ter cunho técnico

para esse tipo de documento a partir de 371 d.C., porém com maior uso somente a partir do séc. VI d.C.

O documento ainda apresenta vinte e três testemunhas, um número considerado elevado para esse tipo, sendo as últimas cinco testemunhas moradoras da região de Moisés (Eiōt, Samuēl, Sevēros, Athanasios e Shenetōm).

A ação, ao final do documento, é denominada διαθήκη (*diathēkē*), o que, devido à origem grega, quer dizer testamento, mas, segundo Schiller,<sup>18</sup> em documentos coptas, pode apresentar também a ideia de um acordo entre partes. Devido a essa dubiedade, tal documento pode ser um testamento de Moisés relativo ao único bem que lhe restava antes de ter ido e entregue quase tudo ao mosteiro, mas também um acordo entre Moisés e o mosteiro em relação às moedas que antes lhe pertenciam.

Segue, abaixo, a última parte do documento acima citado:<sup>19</sup>

135 + ἀνοκ γαμουλ πσνρε μπμακ, ελίσαιος εμψνθιαί το μαρτύρος  
επιεγραφον ναμερινια ἀνοκ ειωτ πεπερσβ, αίσζαιζαροϋ τεμαϋνοϋ  
+ ἀνοκ σεηρος πσνρε μπμακαριος σοϋα πλαψανεπσινσιωνήω μαρτύρος +  
+ ἀνοκ αθανασιος πσνρε μπμακαριος αντωνιος ενψισιων τω νμντρε  
επεχαρτης νεε ετϋϋς σζαι μος +  
+ ἀνοκ σηνετωμ πλαψανε παϋη πσνπμακαριος ιωκωβ τω  
140 μντρη μπεχαρτης νεε ντεϋςζαι νμμος ++  
ἀνοκ ψατε πσνρε μπμακ, πισραηλ αμωϋςης πειεαχ μμοη αιτε μμοι  
αίσμν πειεγραφ, ρρμκημε νταβιτ  
+ μωϋςης νλοϋτ διαθηκη

Tradução:

135 Eu, Gamoul, filho do falecido Elisaio de Pshenhiaí, sou testemunha deste documento de liberação. Eu, Eiōt, o presbítero, escrevi para ele pois ele não sabe como.  
Eu, Sevēros, filho do falecido Suai, o *lashane*<sup>20</sup> de Pshensiōn, sou testemunha.  
Eu, Athanasios, filho do falecido Antonios, em Pshenshion, sou testemunha deste documento da maneira como está escrito.  
Eu, Shenetōm, o *lashane* de Pauē, filho do falecido Iōkōb, sou 140 testemunha deste documento da maneira como está escrito.

Eu, Psate, o filho do falecido Písaíel, a Moisés, o humilde  
monge, que pediu a mim,  
escrevi este documento  
em egípcio com minhas próprias mãos.  
Testamento de Moisés, (o filho) de Pluj.

#### EXEMPLO DE ANÁLISE

No trecho que compreende da linha 135 à linha 138, há a presença de alguns termos gregos: μακάριος<sup>21</sup> (falecido), μάρτυρος (testemunha), ἔγγραφον<sup>22</sup> (escrito), ἀμεριμνία (liberação), πρεσβύτερος (presbítero) e χάρτης (documento). Se pegarmos esse último termo – χάρτης – como exemplo, percebemos que não se encontra isolado, mas aglutinado ao morfema επε- (epe-), que se trata de um pronome demonstrativo da língua egípcia πε (pe) – este – junto a uma preposição, também egípcia ε- (e-) – de –. Logo, o termo todo, επεχάρτης (*epexartēs*), acaba por ser uma junção de ambas as línguas – de este documento – e nos mostra como a língua copta era manifestada na escrita e oralmente.

O mesmo ocorre, por exemplo, na linha 141 com a construção αιτει μμοι (*aitei emmoi*), do grego “αἰτεῖν μοι” (*aiteîn moi*) – pedir a mim –. Se levarmos em consideração a gramática grega, a regência do verbo “pedir” com o uso do dativo já seria satisfatória, porém, como na língua egípcia não há a presença de casos, ou seja, μοι seria entendido apenas como “eu”, seria necessária a presença da preposição “a” para satisfazer a regência do verbo, segundo a gramática egípcia. Tal preposição é μ (*em-*) que podemos ver no texto aglutinado à forma dativa grega μοι.

Ainda, através desse pequeno trecho, é possível observar constantes erros de grafia de termos de uso mais frequente. É o caso da primeira pessoa do singular do verbo *ser* no egípcio: ꜥw (*tjō*). Na linha 135, por exemplo, observamos a grafia ꜥo (*tjō*), por sua vez, na linha 140, encontramos ꜥiw (*tjō*); mas, nas linhas 137 e 138, vemos as formas de grafia corretas. Tais formas nos indicam um uso maior da língua no âmbito da oralidade em preferência ao estudo sistemático da língua e sua correta grafia.

A explicação das diferentes formas desse termo é compreensível, uma vez que a letra copta ꝥ (*ⲉ*) apresenta o fonema que corresponde à forma τῖ (*ⲓ*), e também por não haver, na língua egípcia, diferença de quantidade vocálica, e, por essa razão vemos ora a letra copta *O* (ômicron no grego), ora a letra *OU* (ômega no grego) nesse verbo.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da Coptologia está ainda pouco presente no Brasil e deve ser profundamente explorado pelo total da riqueza de cultura que tal língua nos proporciona. Ao realizar o estudo sobre a língua copta, a história – não só egípcia, mas, também, grega, árabe, latina, e do Oriente-Médio – torna o mundo de hoje mais ciente de como a existência da singularidade de um povo é uma questão pertinente a se fazer constantemente, pois nos indica como o passado se construiu, como ele reflete no presente e como pode ser projetado em nossos tempos futuros. Os Estudos Clássicos proporcionam um maior conhecimento do mundo em que vivemos hoje e, talvez, seja aquilo que mais precisamos: conhecimento. Olhar para a história é olhar para o passado, refletindo sobre presente e futuro.

ABSTRACT

If we take the immensity of the river Nile as a point of comparison, the Egyptian language left an influence of immeasurable magnitude. One of its branches, also its last linguistic phase, is the Coptic language. This article aims to provide a sample of introductory and informative nature about the Coptic language, which had its heyday around the 3<sup>rd</sup> century EC. The Coptic language, result of the Hellenic influence, a trait inherent to the Ptolemaic Kingdom, and its study show how the assimilation of the Greek alphabet and the introduction of the Hellenic vocabulary took place in Egypt.

KEYWORDS

Coptic; Egyptian Language; Egypt; Greek.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **La distinction**: critique sociale du jugement de Pierre Bourdieu, les Fiches de lecture d'Universalis. Paris: Encyclopaedia Universalis, 2015.

GEE, John. **An Overview of Coptic Literature** (A Draft: 15<sup>th</sup> April 2002). Disponível em <<http://www.coptic.org/language/overview.pdf>>. Último acesso: 26 jan. 2020.

KAMMERZELL, F. Egyptian Possessive Constructions: a Diachronic Typological Perspective. In: **Sprachtypologie und Universalienforschung**. Berlin: De Gruyter, 2000. p. 97-108. v. 53.

LOPRIENO, A. **Ancient Egyptian: A Linguistic Introduction**. Londres: Cambridge University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Egyptian and Coptic Phonology, Phonologies of Asia and Africa (Including the Caucasus)**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1997.

MAKAR, K. **The Coptic Language**: Introduction. Clearwater: St. Mary & St. Mina Coptic Orthodox Church, 2015.

MITTEIS, L. Bestätigung über Rückempfang. In: **P. Lips**, n. 1, v. 59. Universidade de Leipzig, 1906.

REMLER, P. **Egyptian Mythology A to Z**. Londres: Chelsea House Publishers, 2010.

SCHILLER, A. **Ten Coptic Legal Texts**. Nova York: Columbia University, 1932.

TILL, Walter C. **Coptic and Its Value**. Manchester: John Rylands Library, 1960.

<sup>1</sup> Além da rica cultura que perdura até hoje no conhecimento de todas as partes do mundo, os egípcios deixaram grandes influências em diversos aspectos. Dentre essas, podemos citar o conhecimento anatômico com o surgimento das cirurgias presentes nos atos da mumificação; também o uso de cosméticos que não era apenas destinado à estética, mas também a higiene diária e proteção (cf. BOURDIEU, 2015, p. 05). Além disso, na arte é possível observar suas influências. Na pintura, por exemplo, a cabeça é representada de perfil e os olhos de frente para serem vistos em sua extensão. Picasso trabalharia assim no séc. XX, na sua fase cubista, mas com intenção completamente diferente. O rico repertório de sua mitologia resultou em várias produções cinematográficas, tal como o mistério de suas realizações.

<sup>2</sup> LOPRIENO, 1995 e 1997.

<sup>3</sup> TILL, 1960, p. 230.

<sup>4</sup> CHOAT, 2012, p. 582-583.

<sup>5</sup> Ptah é considerado o criador de todas as coisas, inclusive da cidade de Mênfis, que durante uma prolongada era serviu como a capital do Egito. A região foi conhecida como *Het-ka-Ptah* ou “Casa do Espírito de Ptah”, e o termo acabou sendo atribuído a toda a nação. Ptah é representado como um homem mumificado cujas mãos seguram um centro com os símbolos *ankh-djed-was* (vida, estabilidade e poder). Foi poucas vezes mencionado nos textos das pirâmides, mas em alguns mitos foi atribuída a ele a criação do universo através da sua fala. Ptah foi o deus principal da tríade de Mênfis, constituída de sua esposa Sekhmet e seu filho Nefertum. Cf. REMLER, 2010, p. 155.

<sup>6</sup> *Ka* apresenta uma acomodação fonética devido a presença do prefixo *e*. Sendo intervocálico, passou a ser pronunciado como o fonema [g], e a vogal *a* dessa palavra sofreu um alteamento, apresentando, assim, o fonema [y] e, posteriormente, [i].

<sup>7</sup> MAKAR, 2015.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>9</sup> Dependerá do dialeto. No dialeto saídico, vemos a presença de seis letras e no dialeto boáirico, sete.

<sup>10</sup> Essa adição não ocorre em todos os dialetos cópticos.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 11.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>13</sup> GEE, 2002.

<sup>14</sup> O distrito de Coptos (- *Kebet*) situava-se na margem oriental do Nilo, ao norte de Tebas. A localidade exata dos vilarejos aqui expostos é desconhecida.

<sup>15</sup> Nome dado a uma unidade de moeda de ouro, equivalente ao *solidus* romano. Optou-se por usar o termo “moeda de ouro” na tradução do documento.

<sup>16</sup> Também escrito como *amerimneia*.

<sup>17</sup> MITTEIS, 1906.

<sup>18</sup> SCHILLER, 1932, p. 17.

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p. 28.

<sup>20</sup> Magistrado, chefe de uma vila.

<sup>21</sup> Por diversas vezes, palavras gregas eram abreviadas, especialmente as de uso mais frequente.

<sup>22</sup> Em copta, esse termo apresenta erro de grafia devido à nasalização do gama diante de outro gama, sendo o correto “ꜥ”. Esse processo indica que o uso do grego em território egípcio era mais voltado à oralidade.